



O lugar das masculinidades no enlace social: do conceito à práxis, uma revisão integrativa de literatura¹

Hudson Walker Simão Carneiro²; Bertulino José de Souza³

Resumo: O cenário social e cultural machista exerce impacto sobre a formação da identidade masculina e suas práticas cotidianas mediante a pressão para reprodução de estereótipos. Diante disso, indaga-se: Quais os sentidos e significados atribuídos socialmente as masculinidades? E quais os impactos disto sobre os sujeitos masculinos?. De modo geral, este artigo objetiva analisar e problematizar os conceitos e reverberações atribuídos as masculinidades; Em resposta ao questionamento norteador foi realizado uma revisão integrativa de literatura, utilizando-se artigos encontrados na Biblioteca Virtual em Saúde, considerando a afinidade temática deste escrito. Os resultados demonstraram que o machismo estrutural exerce uma tensão impositiva para reprodução de comportamentos, afetando a identidade desses sujeitos, e reverberando em práticas violentas e negligência ao cuidado em saúde que incide sobre aumento da morbimortalidade. Por fim, considera-se necessário a ampliação e aprofundamento do debate proposto, para que seja possível contemplar lacunas discursivas, teóricas e metodológicas existentes.

Palavras-chave: Identidades; Saúde do homem; Violência; Gênero; e Patriarcado.

The place of masculinities in the social link: from concept to praxis, an integrative literature review¹

Abstract: The sexist social and cultural scenario has an impact on the formation of male identity and daily practices through pressure to reproduce stereotypes. Given this, the question arises: What are the meanings and meanings socially attributed to masculinities? And what are the impacts of this on male subjects? In general, this article aims to analyze and problematize the concepts and reverberations attributed to masculinities; In response to the guiding question, an integrative literature review was carried out, using articles found in the Virtual Health Library, considering the thematic affinity of this writing. The results demonstrated that structural machismo exerts an

¹ Este trabalho é parte da dissertação de mestrado intitulada: “Masculinidades sertanejas: o impacto do laço social sobre a saúde dos homens no território de Pau dos Ferros/RN”, desenvolvida no programa de mestrado em Planejamento e Dinâmicas Territoriais no Semiárido (PLANDITES) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) Campus de Pau dos Ferros/RN.

² Mestre em Planejamento e Dinâmicas Territoriais no Semiárido (PLANDITES) pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). <https://orcid.org/0009-0003-8267-6062>. Pau dos Ferros-RN. hudsonwalkerpsi@gmail.com;

³ Pós-doutor em Antropologia Social e Cultural pela Universidade de Coimbra, docente do programa de mestrado em Planejamento e Dinâmicas Territoriais no Semiárido (PLANDITES) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). <https://orcid.org/0000-0002-9866-9305>. Pau dos Ferros-RN. bertulinosouza@uern.br.

imposing tension to reproduce behaviors, affecting the identity of these subjects, and reverberating in violent practices and neglect of health care that leads to an increase in morbidity and mortality. Finally, it is considered necessary to expand and deepen the proposed debate, so that it is possible to address existing discursive, theoretical and methodological gaps.

Keywords: Identities; Men's health; Violence; Gender; and Patriarchy.

Introdução

O debate sobre gênero, constitui importante viés discursivo argumentativo no campo científico, tendo reverberações no cotidiano dos sujeitos. Scott (2012) contextualiza o debate sobre gênero, não por distinção biológica, mas considerando o viés sócio-histórico e político do debate quando faz a análise em duas categorias: A primeira é quando o gênero se constitui a partir das relações sociais que marcadamente apresentam diferenças entre os sexos como símbolos culturalmente, no qual organizações e instituições sociais e políticas como práticas educativas e religiosas exercem ação sobre os sujeitos. Essa dimensão cultural atravessa a construção subjetiva das identidades e sexualidades sustentando e limitando ao conceito normativo do binarismo de gênero (Homem e Mulher).

O autor complementa, considerando que o gênero é evocado para estabelecer as relações de poder existente em sociedade atuando na normatividade de ações, dispondo papéis sociais de gênero, lugares de pertencimento, características diferentes para os gêneros, articulando os homens em posição de dominância e as mulheres em condição de subordinação (Scott, 2012). Sabe-se que há uma estrutura alicerçada socialmente de dominação masculina, que predispõe os homens condição de superioridade, hierarquia sobre as mulheres e rechaça outras expressões de gênero, de acordo com Bourdieu (1995). Disto, nota-se a importância de pensar sobre as expressões do masculino, as representações de masculinidades.

Connell e Messerschmidt (2013) compactuam dessa visão, debatendo sobre as masculinidades enquanto pluralidade e criticando conceitos reducionistas que considerem hegemônicas as caracterizações taxativas do masculino como agressivas e hostis, visto que não atendem à universalidade masculina; todavia, admitem haver um caráter normativo que impõe e exerce pressão sobre os homens em seus comportamentos, pensamentos e formas de ser no mundo para uma reprodução de práticas de dominação, estabelecendo relações de

poder que gestam violência contra as próprias masculinidades e sobre os demais gêneros e que moldam o desenvolvimento dos homens, desde a infância até a fase adulta.

Por sua vez, Foucault (2005) debate que o poder está distribuído por toda a sociedade em mecanismos diversos, e que funciona por via de articulação em rede, nunca em um local específico. Não sendo passível de apropriar-se deste, circula entre os indivíduos que exercem e sofrem as consequências da transmissão do poder. Em "Vigiar e Punir", o autor supracitado apresenta a noção de justiça instaurada no social que passa a ser uma lógica vigilante e regulatória, que normativa as condutas, formas de ser e agir, e que reprime o que distinguir a isto. Foucault (2014) expressa, ainda, que esta prática disciplinar da sociedade ocorre nas instituições e organizações sociais como escola, família e religião, perpassando esta construção cultural que submete os corpos. Assim também ocorre com a sexualidade, vista por uma imposição cultural e social normativa que reprime outras expressões de gênero que fujam à noção binária, construindo estereótipos e estigmatizações (Foucault, 2001). Arendt (2009) compactua com esta visão, abarcando que o poder é estabelecido numa espécie de consenso, não se estabelecendo no impositivo da força, mas sim no diálogo estrutural e institucional.

Através destas relações de poder instauradas no meio social, constroem-se um conjunto de expectativas sobre o "ser homem" que se molda comumente por um viés hegemônico tóxico, que ocasiona o negligenciamento das pautas em saúde por parte do público masculino, e também acarretam em processos violadores e de construções identitárias desses sujeitos. (Paho, 2019). Dado o exposto, surgem as seguintes indagações: Quais os sentidos e significados atribuídos socialmente as masculinidades? E quais os impactos disto sobre os sujeitos masculinos?

Em vista disto, este artigo objetiva: Analisar e problematizar os conceitos e reverberações atribuídos as masculinidades; e de modo mais específico objetiva: Apresentar, refletir e discutir os dados obtidos sobre Masculinidades; e Debater criticamente sobre identidade, saúde e violência atrelada ao masculino.

Método

Esta é uma pesquisa de caráter qualitativo, que de acordo com Gil (2017) explora o aspecto discursivo, respeitando a subjetividade da temática. Neste íterim, o pesquisador

compõe este processo ao fazer a análise das informações obtidas para que seja possível a interpretação e discussão. É uma pesquisa exploratória, pois “tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições” (GIL, 2017).

A metodologia adotada refere-se a uma revisão integrativa de literatura, onde “O método de revisão integrativa permite a combinação de dados da literatura empírica e teórica que podem ser direcionados à definição de conceitos, identificação de lacunas nas áreas de estudos, revisão de teorias e análise metodológica dos estudos sobre um determinado tópico.” (FCA UNESP, 2015). Consiste, portanto, em metodologia de pesquisa mais ampla, que incorpora diversos aspectos na busca por fontes, e permite maior aprofundamento com o objeto trabalhado.

A pesquisa foi realizada em junho de 2023 e abarcou trabalhos publicados nos últimos 3 anos (2020 à 2023) na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) Brasil por tratar-se de uma das principais fontes de pesquisa do país e do mundo. Utilizou-se enquanto descritores de investigação acadêmica: “*Masculinidade*” e “*Masculinidades*”. Foram encontrados 52 trabalhos, e destes, 19 foram selecionados seguindo o critérios abaixo discorridos. Com exceção das referências clássicas/essenciais utilizadas nos versos introdutórios do trabalho: Arendt (2009); Bordieu (1995); Connell & Messerschmidt (2013); Foucault (2001; 2005; e 2014); Paho (2019); e Scott (2012).

Os critérios de inclusão estabelecidos foram: Explanação conceitual e vivencial das masculinidades (Perspectiva de Gênero/Representações sociais, Saúde e violência), e idioma (português). Os critérios de exclusão foram: indisponibilidade de acesso ao artigo; e abordagem das masculinidades no contexto específico destoante da proposta do artigo. Através das leituras dos artigos selecionados realizou-se a definição de três categorias de discussão temáticas: *Construções identitárias das masculinidades no enlace cotidiano*; *“Homem também se cuida?” – A saúde das masculinidades em debate*; e *“Cabra macho, sim, senhor!”: Expressões das masculinidades no contexto de pandemia e violência*.

Em torno delas foram debatidos criticamente os achados e problematizações encontradas, abarcando as relações sociais de gênero em segundo plano.

Tabela 1: Identificação dos artigos selecionados.

| TÍTULO | AUTORAS(ES) | ANO |
|---|---|------------|
| Suicídio e masculinidades: uma análise por meio do gênero e das sexualidades. | Felipe de Baére, e Valeska Zanello | 2020 |
| A masculinidade tóxica no discurso da saúde pública: estratégias de convocação dos homens em campanhas do SUS. | Eliza Bachega Casadei Victoria Sayuri Freire Dos Santos Kudeken | 2020 |
| Corporeidade, masculinidades e o cuidado à saúde de homens frequentadores de academias de musculação. | Arley Marinho Da Silva et al. | 2020 |
| Produzir cuidado à saúde de homens e suas masculinidades: uma prioridade. | Anderson Reis De Sousa | 2020 |
| Masculinidades na publicidade governamental sobre saúde do homem no Brasil | Edgley Duarte de Lima et al | 2020 |
| Representações sociais de masculinidades no curta-metragem “Aids, escolha sua forma de prevenção” | Israel Ribeiro do Nascimento et al. | 2020 |
| Masculinidades e cuidados de saúde nos processos de envelhecimento e saúde-doença entre homens trabalhadores de Campinas/SP, Brasil. | Marco Antonio Sparavich, e Ana Maria. Canesqui | 2020 |
| Masculinidades e violências: narrativas de vida de jovens em conflito com a lei. | Caio Andréo Silva, e Leonardo Lemos de Souza | 2020 |
| Notas sobre o masculino no discurso da modernidade a partir de duas obras cinematográficas. | Rafael Bianchi Silva, Renata Maioli Rodrigues Gastaldi | 2020 |
| Representação da masculinidade de homens acadêmicos e sua implicação para o campo da saúde. | Felipe dos Santos Glutter et al | 2021 |
| Masculinidade apreendida na infância/adolescência de homens em processo criminal por violência conjugal. | Andrey Ferreira Da Silva et al. | 2021 |
| Homens, gênero e violência contra as mulheres: reflexões sobre sentidos atribuídos às masculinidades. | Rafael Lima Fernandes, Telma Low Silva Junqueira | 2021 |
| Perfil de comportamento e hábitos de vida de homens frente à masculinidade. | Daiana Jesus da Hora et al. | 2021 |
| Homens e masculinidades e o novo coronavírus: compartilhando questões de gênero na primeira fase da pandemia | Benedito Medrado et al. | 2021 |
| Masculinidades e sofrimento mental: do cuidado singular ao enfrentamento do machismo?. | Rafael Pereira Silva, e Eduardo Alves Melo | 2021 |
| Virilidade e os discursos masculinistas: um “novo homem” para a sociedade brasileira. | Douglas Josiel VOKS | 2021 |
| Masculinidade em tempos de pandemia: onde o poder encolhe, a violência se instala. | Dherik Fraga Santos et al. | 2021 |
| Masculinidades em construção, corpos em (re) construção: desejos, contradições e ambiguidades de homens trans no processo transexualizador. | Cláudia Regina Ribeiro et al. | 2022 |
| Masculinidades e rupturas após a penectomia. | Vander Monteiro da Conceição et al | 2022 |

Fonte: Elaboração dos autores.

O estudo em questão foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e aprovado previamente por meio do parecer: 6.457.169.

Resultados e discussões

Construções identitárias das masculinidades no enlace cotidiano

As questões de gênero estão imbricadas socialmente de modo que atuam nas construções identitárias, visto que os sujeitos, no enlace cotidiano através das experiências vivenciadas, oportunizam a conhecer-se ainda mais, ou melhor, possibilitam-se a refazerem-se nas suas práticas. Deste modo, respeitando a singularidade de cada ser, e tendo em vista a multiplicidade de representações possíveis de masculinidades, cabe-nos discutir a respeito essas expressões de forma mais aprofundada. Sobretudo, pelo já foi supracitado anteriormente nos versos introdutórios, a masculinidade estabelecida hegemonicamente não adota necessariamente o viés negativo e agressivo, ainda que existam, também, essas manifestações mais comumente difundidas por um contexto cultural e histórico machista. Como afirmam Silva *et al.* (2021, p.2) ,“Situada no campo das relações de gênero, a masculinidade pode ser compreendida como um conjunto de atributos e funções que se esperam dos homens e que servem de orientação para a construção de sua identidade”.

Estas expectativas e cobranças por um modelo de comportamento e de identidade a seguir estabelece papéis sociais que sobrepõem um viés de dominação masculina marcadas pelos corpos sexuais. Mas, “Apesar de esses privilégios serem dados quase como algo naturalizado, eles são historicamente construídos” (Voks, 2021, p.6). Dessa maneira, Silva e Gastaldi (2020) afirmam que o corpo atua na formação da identidade, e que os discursos biológicos que recaem sobre construção das masculinidades produzem efeitos sociais.

Esse lugar atribuído ao masculino tem-se difundido e perpetuado historicamente e culturalmente ao longo do tempo, de modo que este viés de dominação implica, frequentemente, na construção de masculinidades, por vezes consideradas “tóxicas”, que violam os demais gêneros e os próprios homens, limitando-os a performarem papéis. Para Silva e Gastaldi (2020), a quebra de paradigmas aos poucos ofertou outras concepções e possibilidades de ser e fazer do masculino, entre elas a de que os homens sejam capazes de realizarem escolhas na

formação de sua identidade masculina, para além da reprodução pragmática de papéis. Portanto, podemos conjecturar que:

Hoje, a masculinidade assume uma forma plural, respeitando as diferenças entre os homens, ainda que, de uma mesma geração, etnia ou classe social. Apesar dessa tendência à diversificação, muitos ainda não enxergam dessa maneira, considerando-se excluídos de um modelo hegemônico, caso haja qualquer fuga ou negação ao que é tido como “normal” ou minimamente comum (Glutter, 2021, p.7). (tradução nossa).

Esse pensamento possibilita, também, a emergência de novas configurações de masculinidades para além do reducionismo no homem, e compreendendo a subjetividade presente através de uma leitura de interseccionalidade, ou seja, que considera os aspectos de gênero, raça e classe. O rompimento com a lógica tradicional abre possibilidades para que surjam outras formas de identificação, expressão e representação das masculinidades (Voks, 2021).

As vivências da população trans, por exemplo, comportam suas próprias particularidades. A construção dessa masculinidade dar-se-á a depender dos atravessamentos de vida dos sujeitos e suas percepções e considerações sobre aspectos que se relacionam, como o corpo, a sexualidade, a identidade, preconceito, entre outros. Como foi destacado no estudo realizado por Ribeiro *et al* (2022, p.7), em entrevista com homens trans em processo de transição que, por sua vez, demonstraram disposição ao distanciamento de práticas da masculinidade patriarcal, apresenta a concepção de que “Apesar do grande desejo por um corpo normativo que os inclua no universo masculino e os tornem “invisíveis” socialmente, os participantes revelaram valorizar atributos que fogem do padrão de masculinidade no que diz respeito a certos comportamentos e performances, mostrando o investimento em uma masculinidade própria e única”.

Todavia, para além das questões de gênero previamente discutidas e os preconceitos enfrentados socialmente durante todo processo de transição, cabe ainda destacar a interseccionalidade, pois a maior parte dos homens trans entrevistados era de pessoas negras, o que acarreta outro conjunto de vivências que, somadas ao debate anterior, agudizam o cenário. Visto que a sensação de insegurança, medo e exclusão permeia a população trans e, sobretudo, sendo também negra, os participantes afirmaram haver diferenças entre as vivências de uma mulher negra e de um homem negro, destacando enquanto ponto marcante a violência e repressão policial (Ribeiro *et al.*, 2022). Cabe destacar que, marcadamente, ambas as

populações são alvos destes processos violadores, sobretudo quando se incorporam os dois marcadores, os de gênero e raça, que conectam-se intensificando essa hostilidade. O que nos permite notar que “O desejo por essas conquistas os faz tolerar os efeitos colaterais físicos e sociais que a harmonização costuma trazer, como acne, gordura abdominal, calvície e irritabilidade, além das consequências intangíveis, como o aumento da probabilidade de sofrerem racismo e violência física” (Ribeiro *et al.*, 2022).

Abarcaremos sobre essa repressão mais a frente, relacionando-a com o debate em masculinidades. Por ora, no que tende à construção identitária dos sujeitos, é possível perceber que estas expressões violentas são enraizadas no imaginário dos sujeitos desde a infância, perpassando toda sua vida a medida das circunstâncias deparadas. Em estudo realizado por Silva *et al* (2021) com homens em processo criminal por violência conjugal, notou-se elementos oriundos da infância e adolescência destes sujeitos como, por exemplo, “As narrativas revelaram uma história de vida permeada pelo modelo autoritário do pai enquanto chefe de família, que não permitia ser questionado nem contrariado em suas ordens. Esse aspecto ilustra o domínio e a violência existentes dentro dos ambientes familiares; além disso, destacaram outros aspectos como o distanciamento de brincadeiras consideradas femininas por imposição de que não corresponderia ao papel social. Os participantes apresentavam, ainda, ocorrências de impulsividade, infidelidade, dificuldade de demonstrar afetividade adotando conduta introspectiva, e também a cobrança social sobre ser o provedor e garantir o sustento familiar, ocupando o lugar dos comportamentos delegados ao que homens/masculinidades “devem ser”.

Fernandes e Junqueira (2021), em outro estudo que entrevistou homens para investigar sobre as diferentes representações de masculinidades, demonstraram que, embora os participantes se posicionem de modo favorável à igualdade de gênero, ainda manifestam repertórios que sinalizam para o binarismo de gênero em suas falas, ao relacionarem o feminino à aspectos relativos ao cuidado e sensibilidade, e ao masculino características de firmeza, atitude e brutalidade, corroborando com o ideal patriarcal de submissão e negação feminina. Porém, abarcam, também em suas falas, sentidos contrários à cotidiana reprodução de práticas machistas, apontando comportamentos potenciais para construção de identidades masculinas que fogem à norma social comumente considerada hegemônica através do diálogo.

Tais reflexões mostram-se necessárias a serem feitas, pois o conceitual de masculinidades atrelado ao pensamento coletivo em sociedade enviesa por abordagem negativa, considerando comuns atributos que sustentem o imaginário dominador. Entretanto, a abertura

ao debate sobre temáticas diversas tem possibilitado, ao longo do tempo, mesmo que em ritmo lento, a superação de alguns estigmas, ou ressignificação de termos, como retratado na concepção de virilidade exposta por revistas eróticas na década de 1980:

A ideia de virilidade publicada em suas matérias passou a ter um novo sentido: ser viril não era ter força física e brutalidade, tampouco ser o protótipo do “macho dominador”. Ser viril passou a significar galanteio e conquista. Era viril o homem que pudesse exercer sua capacidade sexual não em quantidade, mas em qualidade, e isso fez com que as normativas sexuais fossem alteradas (Voks, 2021, p.19).

Desafortunadamente, nota-se que a relação entre gênero e publicidade, embora dê visibilidade à temática, por vezes trabalha as discussões de modo insuficiente ou de modo equivocado, até mesmo reproduzindo falas e ilustrações passíveis de serem problematizadas. No recorte acima de Voks (2021, p. 19), nota-se que, embora busque-se atribuir novos sentidos e significados ao que se denomina viril, este novo lugar é complexificado, ainda que o objetivo seja a qualidade nas relações, destaca-se o “galanteio” e “conquista”, como se estas relações fossem aquisições ou posses alcançadas, sustentando o ideal patriarcal do “homem pegador”.

Além disso, Lima, Medrado, Lyra e Quirino (2020), em estudo sobre a publicidade governamental exercida pela Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem – PNAISH, elucidam que o rumo adotado compactua com o descrito anteriormente, utilizando-se de termos que remetem a uma noção de saúde apenas pelo viés biológico, ignorando outros fatores psicossociais e que:

[...] apesar de alguns avanços importantes em relação aos temas da paternidade e da violência, vimos frequentemente o uso de repertórios hegemônicos para qualificar tais objetos, a exemplo da reafirmação do modelo heteronormativo de família e a naturalização da violência entre os homens negros (Lima *et al*, 2020, p.17).

Tudo isto demonstra a essencialidade do debate e do aprofundamento sobre as questões relativas à saúde dos homens e das masculinidades, que será visto adiante.

“Homem também se cuida?” – A saúde das masculinidades em debate

O cuidado em saúde das masculinidades é uma temática latente e que requer nossa atenção e argumentação, sobretudo para que se viabilizem discussões e visibilizem dados e aspectos contextuais que são subnotificados ou ignorados. Por exemplo, os homens expressam uma inclinação para as práticas corporais almejando um estereótipo físico desejável e, às vezes,

utilizam desse instrumento como exibição de seus atributos no ensaio avulso de força ou virilidade (Silva et al., 2020). Em concordância a isto, a pesquisa de Hora et al (2020) sobre o perfil de comportamento e hábitos de vida de homens frente à masculinidade, nos mostra que os homens, na verdade, apresentam comportamento de saúde evasivo, que pode ser evitado, recusando-se a práticas alimentares saudáveis consumindo produtos gordurosos, dormindo pouco e/ou mal, não praticando atividades físicas ou fazendo-as reduzidamente e, assim, flertando com o sedentarismo, adotando comportamentos de riscos como a ingestão de substâncias como o álcool e o tabaco, não frequentando espaços e serviços que promovam saúde, exceto quando em última instância, depois de já adoecidos ou agravados, ou seja, não aderem à prevenção e consideram os serviços apenas de conduta curativa ou de reabilitação (Hora et al, 2020)

O debate de gênero sobre as masculinidades se dá, também, no conectivo com outras áreas e temas, ganhando importante contorno na saúde. Vimos anteriormente que as construções identitárias masculinas no enlace cotidiano adotam caminhos diversos, tendo em vista que existe uma multiplicidade de vivências possíveis e atravessamentos marcantes cada qual em sua singularidade, o que abre espaço para novas configurações do “ser homem” em sociedade. Contudo, embora não se possa afirmar enquanto único modelo hegemônico, ainda se fazem presentes as representações de conotações negativas do ideal machista-patriarcal que possuem dificuldade de expressão de emoções, negligenciam o cuidado e a busca por ajuda, estando mais vinculados a morbimortalidade masculina, perfil frequente nos dados de suicídio, vícios, homicídios, acidentes e adoecimentos crônicos (Paho, 2019). Desse modo:

Embora o machismo tenha nas mulheres seu principal alvo, entendemos que os homens também são, em alguma medida, por ele afetados. Isso porque a internalização de modelos hegemônicos de masculinidade pode estar ligada tanto à produção de sofrimentos, como também a particularidades (muitas vezes compreendidas como barreiras) na expressão e no reconhecimento de tais sofrimentos (Silva; Melo, 2021, p.2).

Os mesmos autores complementam, ainda, abordando que os homens costumam reagir de forma distinta das mulheres no que diz respeito a sintomas do humor e estresse psicológico, não reconhecendo o adoecimento e sofrimento psíquico, e buscando alternativas paliativas como uso de substâncias (sobretudo álcool), comportamentos de risco e violência que apresentam uma tendência à repetição, como dito em psicanálise, retorno à padrões de experiências infantis. Por sua vez, tais atitudes são prejudiciais à saúde dos homens e fator de

descrédito dos sintomas por parte dos profissionais e serviços em saúde, o que resulta em uma espécie de “crise silenciosa”. Tais práticas violadoras dos sujeitos masculinos de diversas identificações de orientação sexual acarretam a recorrência do suicídio (Baére; Zanello, 2020).

Todavia, não se pode cair na cilada simplista de acatar uma culpabilização masculina por reprodução do ideal machista-patriarcal desconsiderando o contexto social, histórico e cultural justaposto. É preciso pensar adiante, compreendendo os contribuintes do adoecimento, bem como fatores correlacionados para um cuidado em saúde biopsicossocial (Silva e Melo, 2021)

Diante do cenário social vivenciado pelo Brasil, de desmonte de equipamentos públicos que prestam políticas sociais e do acirramento das desigualdades sociais e econômicas que impactam sobre os sujeitos gerindo sofrimento, angústia, entre outros sentimentos negativos, pode-se afirmar que isto agrava ainda mais o contexto das masculinidades, bem como a questão de saúde pública atrelada à saúde desta população (Silva; Melo, 2021).

No horizonte já explanado, ressalta-se ainda a recorrência com que os homens são acometidos por câncer que impliquem na remoção do pênis ou parte deste em casos mais graves. Conceição et al (2022), em sua pesquisa com sujeitos vitimados por este acontecimento, relata que os participantes buscavam outras formas que os reafirmassem enquanto homens nos grupos sociais pertencentes, mas que a perda acarretava mudanças de grande proporção na vida destes seres, nas afetações sobre a autoestima e a percepção de si mesmos. Alguns conseguiam refazer-se e ainda enxergarem-se inteiros mesmo na ausência do pênis, outros, porém, sentiam-se enormemente afligidos ao ponto de questionarem suas masculinidades por não conseguirem reproduzir o exigido socialmente ao papel masculino; além disso, as limitações, e o lidar com a falta acarretavam a sensação literal de sentir-se “menos homem” ou “meio-homem” (Conceição et al. 2022). Esta mesma autora (2022) complementa ainda trazendo que:

O adoecimento tirou os homens do normal e os colocou no patológico, não só do corpo, mas do que é desviante do hegemônico, pois os levou a experiências de passividade, afetividade, dependência, depressão (em alguns casos) e fragilidade. O poder que exerciam sobre si e sobre os outros hoje é um fator moral que os aprisiona por não se sentirem mais livres para expressar sua masculinidade, configurando uma nova identidade: a de meio-homem.

Neste debate, existem, ainda, as questões que transpassam costumeiramente, no formato de organização social capitalista, e que se gestam alguns encadeamentos. A prática e discurso do neoliberalismo fomentam uma visão da saúde que responsabiliza e, por vezes, culpabiliza

os sujeitos, considerando-os de forma isolada dos aspectos sociais e históricos, dos processos de construção cultural naturalizados, potencializa o individual em detrimento do coletivo, abarca as consequências vistas como escolhas. Esse formato é reproduzido também por campanhas que deveriam promover e incentivar o cuidado em saúde, captar esses homens e sensibilizá-los ao debate, ao invés disto, retroalimentam as reproduções tóxicas hegemônicas (Casadei; Kudeken, 2020).

Assim sendo, as expressões de masculinidades, ao reproduzirem o ideal patriarcal, negam outras representações masculinas que fujam ao estereótipo de dominação, e que ocupam, na verdade, um lugar social subjugado, como já ilustrado neste escrito na figura das populações trans e pretas, de modo que:

Faz-se também reconhecer a diversidade de posições de sujeito assumida por homens, considerando inclusive um olhar para as populações de homens historicamente estigmatizadas e muitas vezes alijadas do direito a usufruir de adequadas políticas públicas de saúde, como a população LGBTQI+, negros, indígenas, quilombolas, ribeirinhos, entre outras. Noções de invulnerabilidade masculina, de hipervalorização da virilidade e de abjeção masculina ao cuidado e à prevenção são repertórios recorrentes (embora não recentes) que reificam o modelo central de uma ordem masculina que precisa se tornar objeto de reflexão, na medida em que colocam em risco à saúde de homens e mulheres e mais amplamente dos pactos civilizatórios e da ordem social (Medrado, et al., 2021, p. 4).

Nascimento, Neves, Rodrigues e Teixeira (2020) destacam que, no debate sobre sexualidade, educação sexual, uso de contraceptivos e, mais especificamente, na prevenção do HIV/Aids, percebe-se a vinculação da masculinidade hegemônica associada à heterossexualidade, negando, assim, as disposições contrárias, como as masculinidades homossexuais, subordinando-os, violentando-os e excluindo-os.

Nascimento, Neves, Rodrigues & Teixeira (2020) interpelam ainda sobre a espontaneidade com que se ancora a estrutura social vigente, que interpõe práticas machistas de superioridade, criticam o fato de que as estratégias de comunicação e as tentativas de conscientização em saúde têm sido falhas na medida em que utilizam metodologias que não suscitam no despertar para o debate de gênero e masculinidades, em vez disso, eventualmente ocorrem perdurando ideias heteronormativas e sexistas, reproduzindo masculinidades hostis atendendo à demanda social (Nascimento, Neves, Rodrigues & Teixeira, 2020).

Segundo Sousa (2020, n.p.):

Neste sentido, conclama-se que as formulações das ações sejam sensivelmente equitativas, coerentemente adaptadas, transculturalmente compatíveis com as demandas e necessidades do cuidado à saúde masculina e convergentes com os princípios e diretrizes que regem o direito à saúde.

É válido ainda ressaltar que o cuidado em saúde masculina constitui emergência de saúde pública, devendo ser considerada e não ignorada, pensada para que, então, possam ser executadas ações efetivas em combate ao trágico cenário, elencando esta pauta e suas reverberações como prioridade mundial (Sousa, 2020).

Expressões das masculinidades no contexto de pandemia e violência

Para além do já mencionado sobre a violência, este tópico propõe pensar o discurso para além da individualidade, contemplando o sujeito em sua amplitude, ou seja, os aspectos que o circundam e contribuem para o desenvolvimento de práticas violadoras de direitos dos homens e das demais expressões de gênero, como a pandemia que impacta sobre estes sujeitos.

Para Santos et al. (2021)

É importante ressaltar que o conceito de masculinidade hegemônica é uma construção histórico-social, em constante transformação, gerando mudanças nas relações de gênero, suscitando novas estratégias nas relações de poder e resultando na redefinição das masculinidades socialmente aceitas.

Evidencia-se a hierarquização das múltiplas masculinidades como instrumento opressivo, visto que algumas representações possuem privilégios em detrimento de outras que vivenciam de modo mais tênue o trato social, a relação com a violência, sendo umas mais impactantes na reprodução hegemônicas sobre outras, sem que para isso necessite-se da utilização de força, mas sim, de modo consensual, na verdade, institucionalizado e penetrado no tecido social, invalidando a subsistência de outras performances e embora seja pauta coletiva de saúde pública, fator de morbimortalidade masculina, este é um debate negligenciado na Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem (PNAISH). Ainda segundo Santos et al. (2021),

Essas masculinidades alternativas geram nos homens autores de violência de gênero uma crise, vislumbrando a perda do seu lugar em mundo social. É uma crise de certezas, modelos, padrões e estereótipos que implica na mudança do paradigma de ser homem, sendo considerada uma crise recente que implica transformação, mudanças, abertura, escuta e acolhimento e não apenas julgamento e punição. A covid-19 pode ser um potencializador para esse colapso, como já mencionado.

Medrado et al. (2021) acrescenta que:

Considerando o trabalho enquanto um ponto fundamental para a vivência das masculinidades de diversos homens, a experiência de não estar empregado e a perda do “lugar” de “provedor da família” pode ter relação estreita com o aumento das agressões no ambiente doméstico e fora dele.

Para Silva e Souza (2020), “essa produção atinge diretamente os discursos dos jovens que são subjetivados por essa lógica da masculinidade em relação à violência, que os capturam e impossibilitam a criação de outras vias para suas vidas”. Dessa forma, inserir o registro da temporalidade na discussão faz-se importante para compreender o processo de constituição da violência sobre os sujeitos, construindo valores, sentidos e significados para si próprios em relação com o mundo a sua volta (Silva; Souza, 2020).

O ambiente, através de seus equipamentos de socialização, sobretudo o contexto familiar, fomenta a base identitária desses jovens e a forma como assimilam as noções de violência. É preciso atentar-se para essa produção e seus desdobramentos que, por vezes, implica na negação de outras expressões, como o feminino, a homossexualidade, ou até mesmo aspectos psicossociais (Silva; Souza, 2020). De modo que, no contexto de pandemia, tendo de conviver com o isolamento social e deparar-se com os conflitos familiares, a autoridade masculina é posta à prova na sua capacidade de contornar e controlar a situação.

Assim, diante das reformas históricas de gênero acrescidas da instabilidade provocada pela pandemia da covid-19, observa-se o aumento da violência domiciliar como efeito da diminuição do poder do homem. O poder que consiste em falar por e do agir em comum acordo. Atribuído ainda ao deslocamento desse homem da esfera pública e o questionamento da sua dominação na esfera privada, as práticas tóxicas e violentas aparecem na tentativa de estabilizar o modelo de masculinidade definido pelo poder patriarcal, ou de tentar reconstituí-lo em novas configurações (Santos et al., 2021).

Retomando à discussão de temporalidade, temos, na contrapartida, a noção do envelhecimento sendo vivenciada pelo masculino como sendo um lugar de rejeição, inutilidade, e até mesmo ausência de sentido (Separavich; Canesqui, 2020), visto que “na nossa sociedade, existe um papel para o homem e outro para a mulher. Ao homem coube o espaço fora de casa, de caçar, de construir, de produzir. Já à mulher o espaço do lar, de nutrir de comida e afeto de educar, de se responsabilizar pelo outro” (Glutter, 2021). Logo, a velhice implica na queda do nível físico, no despertar das sensações de incapacidade frente a algumas demandas, bem como

na autonomia de decisões sobre seu percurso de vida, ou seja, o sujeito em envelhecimento assume uma posição de passividade, mesmo que imposta socialmente (Separavich; Canesqui, 2020). Os autores ainda corroboram “a representação da velhice se aproxima, assim, das concepções informadas sobre a enfermidade, assumindo o sentido de perda, privação”.

Separavich e Canesqui (2020) complementam, ainda, trazendo que:

Tais representações são perpassadas por um tipo de concepção da masculinidade, esculpida tradicionalmente por meio das atribuições e obrigações sociais dirigidas aos homens como trabalhadores, provedores da família, valores importantes para as classes trabalhadoras. A estes se associam as interdições aos comportamentos moralmente reprovados pela sociedade, como os excessos de bebida, droga e a preguiça vistos como vícios a serem evitados.

Por fim, no debate conceitual acerca da violência atrelada às masculinidades, buscou-se evidenciar, ainda que brevemente, fatores sociais contribuintes desse processo de naturalização de práticas hostis, levando o debate a um campo além da individualidade, mas conjecturando com fatos e contextos sociais, eixos temáticos que se inter-relacionam como, por exemplo, a pandemia, a violência, e a saúde em sua temporalidade.

Considerações Finais

Embora tenha tratado-se de uma revisão integrativa utilizando de fonte única de busca por dados, é possível ponderar que o nível e quantificação de periódicos existentes na plataforma da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) Brasil, bem como de trabalhos encontrados nesta busca alcançaram resultados satisfatórios, que por sua vez, permitiram que este trabalho atendesse aos objetivos propostos, de analisar conceitualmente as masculinidades e suas reverberações, apresentando, discutindo e refletindo os dados obtidos sobre as masculinidades, e também debatendo criticamente sobre identidade, saúde e violência atrelados ao masculino. Articulando esses campos por via argumentativa coerente e elucidativa, possibilitando ao leitor maior aprofundamento com a temática trabalhada.

As subdivisões temáticas em formas de categorias oportunizaram-nos a amplitude do debate, considerando as relações de gênero, as implicações sociais na construção identitária das masculinidades, e também abarcando aspectos relativos ao cuidado em saúde (ou ausência deste) e a violência (a)cometida por estas expressões masculinas. E de modo transversal alcançando diálogos como o impacto familiar, comportamentos nocivos, heteronormatividade,

saúde mental, desemprego, representações sociais, entre outros, demonstrando além da variedade discursiva obtida através da literatura selecionada, como também sua resposta satisfatória ao debate proposto.

Sendo assim, evidencia-se a necessidade de manutenção de debates das relações de gênero que contemplem o diálogo sobre as masculinidades em sua diversidade representativa, e não de forma limitante, assim como, ressalta-se a importância de outras produções científicas em vista de atingir lacunas existentes neste trabalho, como também explorar a discussão por aspectos não contemplados nesse estudo, ou que não tenham obtido maior aprofundamento. De modo que as novas pesquisas devem surgir no viés de contribuir para o fomento da investigação científica sobre as masculinidades.

Referências

ARENDDT, H. **Sobre a violência**. Tradução: André de Macedo Duarte. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

BAÉRE, Felipe de; ZANELLO, Valeska. Suicídio e masculinidades: uma análise por meio do gênero e das sexualidades. **Psicologia em estudo**, v. 25, 2020.

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina: Educação e Realidade. **Jul/dez. Porto Alegre**, 1995.

CASADEI, Eliza Bachega; DOS SANTOS KUDEKEN, Victoria Sayuri Freire. A masculinidade tóxica no discurso da saúde pública: estratégias de convocação dos homens em campanhas do SUS. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, v. 14, n. 4, 2020.

CONCEIÇÃO, Vander Monteiro da et al. Masculinidades e rupturas após a penectomia. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 35, 2022.

CONNELL, R.; MESSERSCHMIDT, J. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, 2013.

DA SILVA, Andrey Ferreira et al. Masculinidade apreendida na infância/adolescência de homens em processo criminal por violência conjugal. **Revista Baiana de Enfermagem**, v. 35, 2021.

DA SILVA, Arley Marinho et al. Corporeidade, masculinidades e o cuidado à saúde de homens frequentadores de academias de musculação. **Revista de Divulgação Científica Sena Aires**, v. 9, n. 4, p. 761-772, 2020.

DE SOUSA, Anderson Reis. Produzir cuidado à saúde de homens e suas masculinidades: uma prioridade. **Revista de Divulgação Científica Sena Aires**, v. 9, n. 4, p. 681-684, 2020.

DOS SANTOS GLUTTER, Felipe et al. Representação da masculinidade de homens acadêmicos e sua implicação para o campo da saúde. **Nursing (São Paulo)**, v. 24, n. 273, p. 5311-5324, 2021.

FERNANDES, Rafael Lima; JUNQUEIRA, Telma Low Silva. Homens, gênero e violência contra as mulheres: reflexões sobre sentidos atribuídos às masculinidades. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 33, p. 117-125, 2021.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Leya, 2014.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. In: **Microfísica do poder** . 2005. pág. 295-295.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 2001b.

HORA, Daiana Jesus da et al. Perfil de comportamento e hábitos de vida de homens frente à masculinidade. **Rev. enferm. UFPI**, p. e9202-e9202, 2020.

LIMA, Edgley Duarte et al. Masculinidades na publicidade governamental sobre saúde do homem no Brasil. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 72, n. 2, p. 155-174, 2020.

MEDRADO, Benedito et al. Homens e masculinidades e o novo coronavírus: compartilhando questões de gênero na primeira fase da pandemia. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, p. 179-183, 2021.

NASCIMENTO, Israel Ribeiro do et al. Representações sociais de masculinidades no curta-metragem “Aids, escolha sua forma de prevenção”. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, p. 879-890, 2020.

PAHO - PAN AMERICAN HEALTH ORGANIZATION. **Masculinities and health in the region of the Americas**: executive summary. Washington, DC: 2019.

RIBEIRO, Cláudia Regina et al. Masculinidades em construção, corpos em (re) construção: desejos, contradições e ambiguidades de homens trans no processo transexualizador. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 27, p. 3901-3911, 2022.

SANTOS, Dherik Fraga et al. Masculinidade em tempos de pandemia: onde o poder encolhe, a violência se instala. **Saúde e Sociedade**, v. 30, 2021.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. 2012.

SEPARAVICH, Marco Antonio; CANESQUI, Ana Maria. Masculinidades e cuidados de saúde nos processos de envelhecimento e saúde-doença entre homens trabalhadores de Campinas/SP, Brasil. **Saúde e Sociedade**, v. 29, n. 2, p. e180223, 2020.

SILVA, Caioandrêo; SOUZA, Leonardo Lemos de. Masculinidades e violências: narrativas de vida de jovens em conflito com a lei. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, v. 13, n. 3, p. 1-19, 2020.

SILVA, Rafael Bianchi; GASTALDI, Renata Maioli Rodrigues. Notas sobre o masculino no discurso da modernidade a partir de duas obras cinematográficas. **Revista de Psicologia**, v. 11, n. 1, p. 156-165, 2020.

SILVA, Rafael Pereira; MELO, Eduardo Alves. Masculinidades e sofrimento mental: do cuidado singular ao enfrentamento do machismo?. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, p. 4613-4622, 2021.

UNESP. Faculdade de Ciências Agrônomas (FCA) da Universidade Estadual Paulista (UNESP). **Tipos de revisão de literatura**. Botucatu, 2015. Disponível em: <<https://www.fca.unesp.br/Home/Biblioteca/tipos-de-revisao-de-literatura.pdf>> Acesso em: 20 de out. de 2022.

VOKS, Douglas Josiel. Virilidade e os discursos masculinistas: um “novo homem” para a sociedade brasileira. **Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)**, 2021.



Como citar este artigo (Formato ABNT):

CARNEIRO, Hudson Walker Simão; SOUZA, Bertulino José de. O lugar das masculinidades no enlace social: do conceito à práxis, uma revisão integrativa de literatura. **Id on Line Rev. Psic.**, Outubro/2024, vol.18, n.73, p. 412-429, ISSN: 1981-1179.

Recebido: 21/09/2024; Aceito 14/10/2024; Publicado em: 31/10/2024.